

Roberto Saviano

O meu amor não morre

Tradução de Sofia Ribeiro



1.

Vamos por ordem, porque o olhar está desorientado diante deste quarto e das suas estranhezas. Por exemplo, não é fácil perceber em que cidade e país se encontra. Há uma escrivadinha com vários cadernos e livros universitários, os títulos em italiano, e um bilhete com as palavras *gis morgaũ sur la placo je la 9-a, hundino*, que não é italiano, nem sequer brasileiro, embora me lembre um pouco. Trata-se de esperanto, uma língua que na verdade nunca existiu, exceto em algumas aparições fugazes, como neste quarto. No bilhete há também um coração desenhado e a assinatura «Nina».

No meio do quarto encontra-se uma cama meio desfeita e, no meio da cama, está uma rapariga. Dorme de barriga para baixo, agarra a almofada como se tivesse medo que ela lhe fugisse, com ambos os braços, e tem a boca aberta. O cabelo é loiro, cabelo loiro comprido espalhado pelo colchão, que agora, graças à luz, uma luz clara mas não despótica, abafada pela persiana corrida até meio, se tingiu de cobre e avelã, pêssego e café. A rapariga insinua um suspiro, começa a risonnar, mas depois serena.

À esquerda da cama há uma prateleira, em cima da prateleira, um vinil dos Pink Floyd, *Animals*. Um relógio da Pantera Cor-de-Rosa pendurado na parede, acima da cama, marca oito horas e quarenta e sete minutos: naquela posição, mesmo que a rapariga abrisse os olhos, não veria as horas.

E isso poderia tornar-se um problema, porque o bilhete em esperanto significa: «Vemo-nos amanhã às 9 na praça, cabra.»

No chão, ao lado da cama, há um livro aberto e virado ao contrário. Intitula-se *Pássaros Feridos*, a autora é Colleen McCullough. A rapariga volta a risonhar e, mais uma vez, torna a acalmar-se. Deve ter chegado tarde, ontem à noite. E pela maneira como dorme, não faz tenções de se levantar nos próximos minutos, talvez nem sequer nas próximas horas. No entanto, um evento inesperado estraga-lhe os planos, se é que tem algum para esta manhã preguiçosa de início de outubro. Algo perturba o seu repouso, um ruído que ela, entre o sono e a vigília, não consegue enquadrar e que a faz mexer-se com indolência. Eis outros sons: uma música ritmada, vozes vindas do vão da escada. É daí que vêm, percebe isso porque chegam com um leve eco. Porém, as vozes não são dos pais, nem de Clara, nem de Loredano. Estão distantes, mas não o suficiente para a deixarem descansar em paz. Por isso, a rapariga levanta um pouco as pálpebras, apenas uma nesga, esfrega-as com os nós dos dedos e lança um olhar distraído ao relógio acima da cabeça. Se até então estava meio acordada, agora arregala os olhos num sobressalto. São claros, de um azul indeciso que lembra a capa do vinil na prateleira, remissente daquele céu não propriamente limpo, nem propriamente azul, nublado pelas baforadas das chaminés.

Diz um palavrão entre dentes e salta da cama, despe o pijama e olha em redor à procura da roupa. Sobem outros sons, mas agora ouve-os mais alto, porque a mãe escancarou a porta de casa. Enquanto pega numa saia comprida plissada, numa *T-shirt* verde e num par de sabrinas, também distingue a voz de Clara. Está a discutir com alguém no vão da escada. Não se percebe bem as palavras, o tempo para as agarrar é curto, porque logo a pesada porta blindada se fecha com

um estrondo e Clara murmura qualquer coisa enquanto volta para a cozinha. A rapariga pousa os olhos no bilhete escrito em esperanto e diz outro palavrão.

Sai do quarto, arranja o cabelo e corre para a casa de banho. Clara só tem tempo de lhe vislumbrar o perfil, quando a filha desaparece atrás da porta.

— Tudo bem, querida?

— Atrasei-me — grita ela lá de dentro. Está ao espelho, a passar uma leve camada de batom nos lábios finos. — O que é que aconteceu nas escadas?

A mãe responde alguma coisa que ela não percebe. A rapariga regressa freneticamente ao quarto.

— Mãe... — grita ela. — Onde está o meu... — Depois vira-se e Clara está atrás dela, na soleira da porta, por isso baixa a voz. — Onde está o meu casaco preto e branco? — Enfia no cabelo uns óculos de sol de aros escuros.

— E eu é que sei? Já viste no roupeiro?

Ela suspira, abatida. Claro que já viu. Mas volta ao roupeiro e torna a abrir a porta.

— O que é que aconteceu nas escadas?

— Oh, estavam a fazer barulho. Estão em mudanças e também têm a música alta. O apartamento dos estudantes.

— E o que é que te... Mãe, não está aqui, caramba... Bem, tenho de ir.

— Procura bem. — A mãe põe-se a folhear com ela a roupa do guarda-vestidos, como se fossem páginas de um livro. — É porque tens demasiadas coisas — sussurra ela entre os *claques* dos cabides de plástico, agora que o seu braço toca no da filha. — A Rossella tem coisas a mais e a Rossella não consegue encontrar nada. Pronto.

Clara pega no cabide com o casaco preto e branco. A rapariga veste-o a correr.

— A Rossella tem de dar à sola — diz ela, parando por um momento em frente ao espelho fixado atrás da porta.

— Então, o que é que te disseram?

— Que as mudanças são assim.

— Ou seja?

— Que as mudanças fazem barulho.

— Disseram-te assim?

A mãe encolhe os ombros, resignada.

— E o pai?

Clara acena com a cabeça para a cozinha. Rossella tira a mala das costas da cadeira e sai a correr do quarto.

— Nem sequer um beijo? — pergunta Clara.

Mas ela já não a ouve. Ao passar em frente à cozinha, enfia a cabeça só para dizer:

— Tchau, pai.

— Tchau, amor.

Ao descer as escadas, olha para a porta do primeiro andar, a dos estudantes, que agora está fechada. A luz da manhã invade uma parte do corredor. Há pequenas nuvens paradas no céu, mas o sol é poderoso e não se deixa desencorajar. Rossella dirige-se à praça com passo apressado, quase a saltitar, com ligeireza e frenesim na ponta dos pés.

É dentro dos contornos de Florença que Rossella se apressa. É fácil explicar: diante dela, que ora caminha, ora corre, abre-se a piazza Beccaria, ao passo que a rua que acaba de deixar, a de casa, é a Borgo la Croce. Saiu pela porta no número 2, onde se destaca a imagem do menino do hospital dos Innocenti e que quase faz um ângulo com a praça. O edifício data do século xv e chegou a albergar o Hospital de San Niccolò degli Aliotti. Debaixo de alguns peitoris

ainda se veem os brasões das famílias Aliotti e Bigallo, ambas protagonistas da história do instituto. Os pobres e os doentes eram aqui internados, antes de a estrutura mudar de vocação e se tornar o último abrigo para os condenados à morte. Estes ficavam ali à espera de ir para o cadafalso da Porta alla Croce, mais tarde chamada piazza delle Forche, que é precisamente onde acaba de chegar Rossella. A silhueta inquieta de Nina anda às voltas e sopra baforadas de um cigarro aceso. Vê a amiga, contrai o corpo e encosta-se, desequilibrada, à antiga entrada de tijolo. Como é mais alta do que ela, é fácil para ela olhá-la de cima, por causa do atraso.

— Desculpa.

— Escrever um bilhete também não chega.

— Desculpa. Vá lá, são dez minutos... — diz ela enquanto se dirigem para o lado oposto da praça. — Esqueci-me de pôr o despertador.

— Foi a mãezinha que te acordou?

— Não, acordei sozinha. Eu lembrava-me — mente Rossella. Recorda o barulho oportuno que a fez abrir os olhos. Se não fosse a discussão no vão das escadas, agora Nina estaria agarrada ao intercomunicador ou, pior ainda, teria ido embora sem ela e, chegadas a esse ponto, não seria fácil que ela a perdoasse. Não tem nada mau carácter, a rapariga. Felizmente havia os estudantes do primeiro andar. Se bem que felizmente não é a melhor palavra, pensa, lembrando-se do rosto da mãe depois de ter discutido com os rapazes. «As mudanças fazem barulho.» Responder assim a uma mulher de sessenta e tal anos.

Nina é magra e alta, o cabelo comprido chega-lhe às ancas, o rosto delgado sempre numa pose de indiferença, como que aborrecida, atrás de lentes de armação fina. É preciso conhecê-la para se desmascarar o *bluff*. É um desprezo

simulado, um tédio que não é de todo real, mas muito bem interpretado. Da última vez que Rossella teve febre, Nina estava lá para lhe trazer os apontamentos de Psicologia e lhe explicar tudo com meticulosa dedicação, e talvez seja precisamente essa a razão da sua atitude, compreendeu Rossella; neste mundo, a bondade é o prelúdio mais certo da opressão, e há que escondê-la, ou até camuflá-la, protegê-la com o manto da negligência.

— Não tens nada para me contar? — pergunta-lhe, abrindo a mala para se certificar de que tem os livros certos consigo.

Nina não responde, mas pára e acende outro cigarro. Nem parece dela. Deve estar nervosa com qualquer coisa que nada tem que ver com os dez minutos de atraso. Rossella olha-a à espera de uma resposta, mas a amiga recomeça a andar à sua frente.

— Oh!

— Sim, sim. Já te conto.

Não deve ter corrido muito bem com o tipo com quem saiu na noite anterior. É mais velho do que ela, que é a regra para Nina. Gosta dos *velhos*, nisso não há mistério, só que este é separado e tem um parafuso a menos, Rossella já o viu algumas vezes à volta do Isolotto, a andar para ali como um drogado, bêbedo ou pior.

— Vais-te meter num belo sarilho — dissera-lhe Rossella, e assim foi, foi-se meter direitinha num belo sarilho, com um mergulho de cabeça. E pelos vistos bateu com ela.

A via Gioberti é a continuação do Borgo la Croce, do outro lado da praça; é uma estrada longa e estreita que percorrem até meio, onde viram para a via Sarpi. Desde a piazza Beccaria, de onde partiram, até à Faculdade de Pedagogia são cerca de vinte minutos ao todo. Está escrito «Pedagogia»,

mas ela lê «Psicologia». É a psicologia que lhe interessa. Compreender como funciona a cabeça, a de Nina e também a sua. Só que em Florença ainda não existe uma faculdade de Psicologia e a que mais se aproxima disso é a de Pedagogia. Hoje têm apenas uma cadeira, que começa em breve e à qual vão chegar atrasadas. Nina tem pernas compridas e passos mais rápidos, Rossella tem dificuldade em acompanhá-la, mas não protesta contra o que é certamente uma punição por chegar atrasada ao encontro. Marcha atrás da amiga, de vez em quando afasta o cabelo do rosto, segue pela estrada do costume, para a universidade do costume. Nada a leva a pensar que a vida avança um passo à sua frente, tal como Nina, e que hoje, neste dia de outubro tão terrivelmente igual aos outros, se dará ao trabalho de a conduzir a lugares que nunca tinha imaginado.

Terminada a via Sarpi, entram na via Mannelli e encontram-se em frente aos carris da linha férrea. Uma ponte de aço e betão atravessa-a completamente, até à via del Campo d'Arrigo e depois até à via della Torretta, onde fica a Faculdade de Pedagogia. Mas assim que sobem os degraus do viaduto, Nina pára e põe-se à sua frente.

— Então, tenho de te pedir um favor. — Tira os óculos e esfrega os olhos.

— *Okay.*

— Sim, mas é um favor importante.

— Vá lá, estamos atrasadas. Até aqui vinhas a correr...

— Tem que ver com ontem à noite.

— E?

— Temos de combinar um encontro a quatro. Ele pediu-me que fôssemos quatro. Assim, se a ex-mulher ou os filhos o virem...

— Credo, Ni'...

— Eu sei, mas é para começar, *okay*? Só para perceber como é, se gosto, só por isso.

— Eu disse-te que depois do Antonio ia tirar um ano sabático. Disse-te ou não?

— Disseste. — Nina olha para as pontas dos pés, mortificada, mas é tudo teatro.

— *Okay*. Porra. — Rossella resfolega e abana a cabeça. — Está bem.

— Sim, mas o verdadeiro favor não é esse, quer dizer, não é só isso.

Rossella olha para ela, com medo de lhe perguntar qual é o *verdadeiro* favor. Mas sabe que o percurso já começou e a ponte sobre a linha férrea ainda é comprida. Faz-lhe sinal para continuarem.

— Então... — Quando as frases de Nina começam com «então», é de se temer o pior. — O amigo do Diego chama-se Salvatore.

Diego é o tipo separado com quem Nina saiu na noite anterior. O facto de o amigo se chamar Salvatore não parece assim tão grave, por isso Rossella espera pelo resto. Que demora alguns instantes a chegar, anunciado por uma pergunta.

— Conheces?

— O Salvatore?

— Nunca soubeste de ninguém com esse nome?

— Claro que sim, mas o que é que...

— É amigo do Antonio. O teu ex.

«Ex» é uma palavra imprecisa, talvez, porque a história entre Rossella e Antonio terminou há menos de duas semanas e ele ainda lhe telefona. Existe aqui uma assimetria, basicamente; para ela a história está fechada e para ele talvez não, de modo nenhum, por isso a palavra «ex» quer revestir-se de um otimismo excessivo.

— Tu não estás bem.

Rossella afasta-se e continua pelo viaduto. Ouve atrás de si os passos de Nina, enérgicos e nervosos, que fazem vibrar o aço da passagem.

— Estás a ver como és? Quando, por uma vez na vida, conheço alguém à altura.

— Alguém à altura, porra? Alguém à altura? — Rossella fica imóvel, vira-se para fixar a amiga e recomeça a andar. — Um tipo separado que se pedra como um miúdo de dezoito anos agora é alguém à altura.

— Tu não sabes de nada e não podes comentar, só te peço uma coisa.

— Mas tu — deixa cair a mala com os livros, que bate no aço como se no fundo de um tacho —, será que fazes a mínima ideia do que vai acontecer quando este Salvatore, o amigo do teu amigo, for contar ao Antonio...

— Eu sei.

— Não, não sabes.

— Eu sei, eu sei, eu sei. Por isso é que eu disse «um favor». É um favor do caraças. Mas tu és minha amiga.

A mímica é uma ciência à parte e Nina merece um prémio Nobel. A conveniência transfigura-lhe o rosto no de uma irmãzinha adorável. Rossella encosta-se ao corrimão do viaduto, examina os carris que correm sabe-se lá para quê. Se há três meses alguém lhe tivesse dito que seria assim com Antonio, que seria ela a deixá-lo e ele se transformaria num cãozinho, Rossella teria desatado a rir na cara da pessoa. A questão é esta: a vista é curta e os carris são compridos, e é escusado imaginar sabe-se lá que curvas, sabe-se lá que mudanças ou imprevistos ou desvios; são compridos e pronto, compridos e retos, ao passo que a vista é curta. Se Rossella fizer um esforço, depois do viaduto consegue ver até ao Campo di Marte,

é aí que os seus olhos chegam, o alcance máximo; distingue os barracões da estação Campo di Marte e tudo o que vem depois é-lhe vedado, seja reto ou curvo, íngreme ou escarpado. E agora, o que fazer, sair do comboio?

— És uma besta.

— Siiim! — Nina lança-lhe os braços ao pescoço.

«O general» paira sobre tudo. O general isto, o general aquilo. O general que casou com Clara quando já estava muito mais velho do que ela; o general com quem Clara teve um filho, Leonello, que é portanto meio-irmão de Rossella, pelo menos em teoria, embora isso tenha pouca aplicação na prática; o general que, sendo muito mais velho do que Clara, bateu as botas com grande antecedência, deixando-lhe o pé-de-meia de que agora desfruta toda a família Casini, ou seja, a de Loredano, que casou com Clara em segundas núpcias e nunca perde uma oportunidade para agradecer ao general; e não fosse o facto de dizer «o general» muito diferente de dizer «o contínuo», «o cabeleireiro» ou «o contabilista», ou seja, de não parecer depreciativo em si mesmo, mas antes elevar ao estatuto da autoridade militar, as contínuas alusões ao general — «Graças ao general», «Deus abençoe o bom nome do general», «O que seria de nós sem o general» —, por mais brincadeiras que fossem, por mais bem-dispostas, por mais afetuosas, incomodariam muito Clara. Até porque, piada ou não, é a mais pura das verdades, ou seja: é graças ao general e ao seu legado que hoje a questão económica é o menor dos problemas da família Casini. E é também graças ao general que Clara tem uma bela loja de artigos para o lar a dois metros de casa, que gere juntamente com Leonello, que deve nada menos do que a sua existência e cinquenta por cento da sua herança genética ao general.

Acabaram de se despedir e ela está a caminho de casa para almoçar. Como de costume, Clara atravessa um pedaço do Borgo la Croce até à porta do antigo Hospital de San Niccolò degli Aliotti, no número 2, e depois toca no intercomunicador. É a sua caminhada em direção ao cadafalso, é o que diz a brincar a Leonello quando se cumprimentam, diz: «Vou para o cadafalso», porque o caminho que faz é o mesmo dos condenados que se dirigiam à piazza delle Forche: partiam da prisão de Bargello ou da Stinche, atravessavam o Borgo degli Albizi, a via Pietrapiana e a piazza Sant'Ambrogio para depois serem executados na piazza Beccaria, a poucos passos do antigo hospital.

Loredano está em casa, pouco ou nada se mexe dali, trabalhou uma vida inteira na Fiat e agora acomodou-se a uma existência sóbria e confortável de reformado, joga as suas partidas de xadrez por correspondência e, de vez em quando, dedica-se ao barquito que tem atracado perto de Livorno e que terá pintado meia dúzia de vezes.

A porta abre-se com um estalido. Clara sobe as escadas, mal conseguindo levar o saco onde colocou quilos de fruta e alguns legumes, a cada lance faz uma pausa. A porta do primeiro andar está entreaberta, do interior vem um burburinho de móveis a serem arrastados, os rapazes discutem num dialeto com consoantes duras e Clara não percebe quase nada. Depois a porta abre-se e dois jovens saem, um deles atarracado, de cabelo aos caracóis, e outro mais alto, mas ainda de estatura média, com uma camisa azul desabotoada no peito, onde se destaca uma corrente de ouro com um rosto sagrado. Demoram alguns momentos a reparar em Clara, que está ali parada a recuperar o fôlego. O da camisa abre os lábios num sussurro, qualquer coisa que se assemelha a um bom-dia. Do apartamento ouve-se um baque que faz vibrar

o patamar; Clara olha para os rapazes à espera de alguma frase do género «Estamos quase a acabar», certamente não um pedido de desculpas, não espera nada daqueles que há poucas horas lhe disseram que as mudanças fazem barulho, e depois olha para eles, mas os rapazes pedem «Com licença», passam por ela e descem até à porta, deixando-a bater ao saírem.

Loredano está sentado numa poltrona. À sua frente, na mesa baixa da sala, há um envelope aberto com um abre-cartas. Ao lado do envelope há um tabuleiro de xadrez, as peças estão dispostas como se estivesse a desenrolar-se uma partida. Loredano permanece imóvel, com uma folha de papel nas mãos, o olhar concentrado.

— Dás-me uma mão? — pergunta-lhe a mulher da soleira.

— Desculpa, desculpa.

Pousa o papel no tabuleiro de xadrez, com cuidado para não mexer nas peças, e vai ter com Clara, à luta com o saco. Pega nele, vai para a cozinha, abre a porta do frigorífico e depois o seu olhar perde-se no vazio. Dá alguns passos rápidos até ao tabuleiro de xadrez, afasta o papel para olhar para as peças.

— Então?

— Desculpa, desculpa. — Loredano volta para a cozinha.
— Ocorreu-me o lance.

— Ah, bom.

Clara senta-se, o marido tira a fruta e os legumes do saco das compras, põe a primeira na fruteira em cima da mesa e os segundos na gaveta de baixo do frigorífico. Pouco depois da reforma, redescobriu a sua paixão pelo xadrez. Mas, em vez de frequentar o clube, onde vai uma ou duas vezes por mês, prefere jogar por correspondência. Ele e o seu amigo Piero enviam cartas um ao outro com o novo lance e umas linhas de saudação. Têm muito tempo para analisar a última jogada

Este é um romance que conta uma história improvável e, contudo, verdadeira. Uma história que começa com um amor impossível e termina com um desaparecimento.

«O amor, quando é imensurável, não morre, desliga-se do seu objeto e reestrutura-se num corpo, adquire substância, torna-se matéria, existe.»

Itália, 1977. As praças e ruas do país fervilham de violência, mas Rossella Casini, uma jovem de vinte anos, estudante de Psicologia, leva uma existência tranquila em Florença, amparada pelos pais, que não permitem que lhe falte nada. A pacatez dos seus dias, porém, vê-se abalada pelo aparecimento de Francesco Frisina, um estudante da Calábria que vive longe de casa. O amor que cresce entre os dois é diferente de tudo o que qualquer um deles havia sentido até então. Só que Francesco guarda um segredo: a sua família tem ligações à Máfia calabresa, a temível 'Ndrangheta.

Rossella acompanha o namorado à casa da sua família, numas férias, e apercebe-se de que ali, no Sul do país, em contraste com a serenidade da paisagem bucólica, tudo se rege por códigos de honra brutais, silêncio e poder, e que desafiá-los acarreta um preço muito elevado. A rapariga decide pagar o preço que for necessário para arrancar o namorado do vórtice de violência que devora tudo e todos.

A 22 de fevereiro de 1981, Rossella Casini desapareceu sem deixar rasto. O seu corpo nunca foi encontrado, mas o Estado veio a reconhecê-la como vítima da 'Ndrangheta. Roberto Saviano, um dos mais corajosos autores do nosso século, deu-lhe voz neste romance poderoso sobre a força de um sentimento que se recusa a sucumbir à violência.



«Decidi escrever este livro para contar a história de amor mais dramática e poderosa que já conheci. [...] É uma história que congrega todos os matizes da existência humana: a ingenuidade e a impetuosidade, a devoção e a obsessão, a amizade, o desejo, a coragem, a desilusão, a traição, a decadência, a tragédia. E também, para Rossella, a certeza de que no amor residia o único caminho para a verdade e o sentido. O amor não morre.»

ROBERTO SAVIANO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
i penguinlivros

ISBN: 978-989-589-448-2



9 789895 894482